



OS DESAFIOS DA MEDIAÇÃO EM UM PROJETO DE OCUPAÇÃO ARTÍSTICA NO INTERIOR DO RS/BRASIL

Helga Correa. UFSM
Andressa Argenta. UFSM

RESUMO: Este artigo apresenta reflexões sobre o trabalho de mediação realizado por um grupo de alunos do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da UFSM no Evento Internacional Arte Ocupa 2012, ocorrido na cidade de Santa Maria RS. Apresenta os desafios e a complexidade que envolveram a formação de um Núcleo Educativo ou de Mediação em um evento com proposições de arte contemporânea. A partir de alguns relatos dos mediadores e da articulação entre as experiências e as expectativas do público, dos alunos e dos profissionais envolvidos, este artigo apresenta resultados de uma realidade onde o exercício da mediação ocorreu efetivamente a partir de reflexão e de ações criativas entre mediadores, obras, artistas, curadores, comunidade e público.

Palavras-chave: Mediação. Arte contemporânea. Ocupação.

RESUMEN: *Este artículo presenta reflexiones sobre la labor de mediación llevada a cabo por un grupo de estudiantes de la Licenciatura en Artes Visuales en UFSM en el Evento Internacional Arte Ocupa 2012 que se produjo en la localidad de Santa María, RS. Presenta los retos y la complejidad que implican la formación de un núcleo de la Educación / o Mediación en un evento con propuestas de arte contemporáneo. De algunos informes de los mediadores y la articulación entre las experiencias y expectativas de los públicos, estudiantes y profesionales, este artículo presenta los resultados de una realidad donde el ejercicio de la mediación ha ocurrido desde la reflexión y de acciones creativas entre mediadores, obras, artistas, curadores, comunidad y el público.*

Palabras clave: *Mediación. El arte contemporáneo. La ocupación.*

Apresentação

Em 2011, sob a coordenação da professora e artista Rebeca Stuhm, um pequeno grupo de artistas e alunos do Curso de Artes Visuais da UFSM ocupou durante 24 horas ininterruptas uma casa do centro histórico da cidade de Santa Maria. A casa 330 da Avenida Rio Branco, tombada pelo patrimônio, mas em processo parcial de demolição fruto da especulação imobiliária, fez com que os artistas envolvidos nesta ocupação dessem visibilidade, à comunidade local de

Santa Maria, a distintas perspectivas reflexivas que envolviam questões como patrimônio, tombamento, desgaste, história e memória.

Destas “24 horas” surgiu a posterior “Ocupação de 27 horas” na Casa de Cultura da Cidade, que suscitou novas participações, diferentes abordagens artísticas, novas inquietações, e a ampliação do espectro de participação do público.

Eventos deste tipo, pautados na perspectiva de ocupação de espaços públicos em dado período e contexto, permitem a possibilidade de formalização de ações de intervenções artísticas em explorações de diversas ordens, assim como a coexistência de distintos caminhos da produção artística contemporânea. Naturalmente, suscitaram curiosidade e controvérsia no universo cultural de uma cidade de porte médio do interior do Rio Grande do Sul, como é o caso de Santa Maria.

Neste breve e rápido percurso nos adaptamos e interagimos com o público de uma forma natural e pouco sistematizada. Não obstante as ocupações tomaram uma dimensão crescente na cena artística santa-mariense, culminando com a promoção do I Evento Internacional Arte Ocupa SM, ocorrido em 2012. A amplitude deste evento levou-nos a pensar a premência de instaurar um processo de mediação capaz de dar conta das necessidades dos participantes e do público, surgiu assim o chamado Núcleo Educativo do Evento.

Dada as características do Evento, imediatamente surgiu o questionamento: que modelo de mediação seguiríamos? Como formaríamos um grupo de mediadores condizente com as necessidades de novos paradigmas na arte? (ao menos para a realidade cultural local) Como estabeleceríamos um diálogo qualificado com o público, no qual se levasse em consideração aspectos como o contexto da arte contemporânea, a curadoria do evento, a realidade destas proposições em articulação com as experiências e as expectativas do público? Como mediaríamos explorações artísticas em constante processo de construção, modificação e interação?

Sabe-se que a mediação histórica e tradicionalmente se fundou em visitas guiadas, estas eram diretivas, pautadas na informação, no discurso dos

historiadores, críticos e curadores. Esse modelo de mediação acabava por afirmar e confirmar o lugar da obra e do autor, no caso o artista no mundo da arte. Sendo assim, excluía a participação de outros sujeitos, pois baseado na exteriorização de um discurso pautado na “linguagem do mundo da arte” fixava o caráter de um dispositivo com reflexos elitistas, excludentes, que desconsideravam o olhar e as percepções do espectador. O mediador neste processo era portando uma espécie de iniciado um 'monitor' ou 'guia' que reproduzia um discurso. Paulatinamente tal realidade foi se modificando, a criação do Ministério da Cultura, oriundo do Ministério da Educação, evidenciou a amplitude do problema da mediação quando indagou quem tornaria possível o acesso ao maior número de obras de arte à cultura. Na década de 1990, o fluxo de público que passou a frequentar museus e/ou espaços culturais no país, foi se expandindo de tal forma que ampliou a necessidade de 'educar' esse grande público de “espectadores”. Felizmente hoje, a prática da mediação passa por transformações que estão em consonância com os paradigmas contemporâneos do campo da arte e da própria arte/educação.

Em contrapartida, alguns núcleos do movimento de arte/educação no Brasil continuamente trabalham na tentativa de diminuir o abismo entre o campo da arte e o da educação, universos que segundo COUTINHO 2009 por vezes são conflituosos e até mesmo de difícil interpenetração.

DARRAS (2009) também ajuda na compreensão destas mudanças quando reagrupa os modelos de mediação em três tendências: mediação de imersão, diretiva e construtivista. Na imersão, o processo de mediação se faz de maneira não formal no meio cultural; modelo que intuitivamente seguimos no primeiro Arte Ocupa SM, de 24 horas; no diretivo a mediação é um dispositivo formal de transmissão de conhecimento “erudito”, dividindo em “aqueles que sabem e aqueles que não sabem”; e no construtivista, a mediação se faz através da troca no sentido de compartilhamento.

Mediar no Evento Arte Ocupa SM 2012

Considerando que a mediação não é uma atividade previsível, mas sim parte de um processo, num Evento de ocupação de um espaço público que contava com performances, instalações, ações que oscilavam entre residência e site specific, a

atividade de mediação gerou dúvidas e certa dose de insegurança. Afinal, havia questões importantes a serem discutidas e que se situavam na gênese de um Evento não formal, entre elas a necessidade de mediar produções que estavam em pleno processo de maturação e constituição.

Perguntávamos como estabelecer nexos entre obras que contavam com a intervenção do próprio público? Em como contornar situações de total imprevisibilidade ocorridas em eventos desta natureza.



Figura 1: Performance da artista Adriana Tabalipa durante o Evento Arte Ocupa SM 2012

Para tanto, nos pautamos no modelo construtivista citado por DARRAS, trabalhando com trocas, compartilhamentos de aprendizado e experiências no meio cultural.

Como o próprio nome sugere, mediar é estar entre, no meio – não como uma barreira de separação – mas como um sujeito ativo que explora e aprofunda as descobertas, que está atento às possibilidades, que potencializa encontros com a arte, o público e o contexto como um todo.

Para pensarmos sobre estes pontos, formamos um grupo de estudo composto por alunos do curso de Licenciatura em Artes Visuais, coordenados pelas autoras deste artigo, a professora e artista Helga Correa e a licenciada em Artes

Visuais Andressa Argenta. Realizávamos encontros semanais para discutir em um primeiro momento, a função e o papel do mediador e em um segundo momento estudar e compreender as diferentes perspectivas das propostas artísticas que integrariam o Evento.

Para tratar do papel do mediador enfatizamos a importância em como fazer uso de estratégias capazes de delinear a conversa/mediação. Ou seja, utilizávamos como pressuposto, o fato de que a experiência artística serve como um dispositivo à ativação dos sentidos, propiciando um lugar para problematizações, processos de desconstrução e re colocação do sujeito frente a distintas realidades. Enfatizamos a importância da sensibilização como instrumento de construção de conhecimento, um processo que busca restituir os questionamentos, os debates e as controvérsias, permitindo a elaboração e formulação de novas narrativas.

Neste sentido, ressaltamos que, para estar consciente do que é perceptível, é fundamental inicialmente estar livres de pré-conceitos, com isso estabelecer certa distância que permita que experiências individuais tornem-se fluxos de experiência coletiva.

Naturalmente, com o início do Evento fomos instados a colocar em prática tais prévias formulações teóricas, o que resultou em diferentes processos de aprendizado, em distintas e peculiares experiências.



Figura 2: Mediadores em Ação e público durante o Evento Arte Ocupa SM 2012



Figura 3: Mediadores em Ação e público durante o Evento Arte Ocupa SM 2012

Considerações

Alguns relatos dos mediadores, expressos em textos reflexivos posteriores a experiência no evento Arte Ocupa 2012, deixam claras algumas das dificuldades, a ansiedade e a perspectiva pessoal de resolução de problemas durante a vivência de mediar:

Destaco nestas experiências que elas precisavam de mediadores que trabalhassem além das visualidades comuns, além do espaço e da obra. Tive como desafio procurar uma forma de encontrar estratégias para mediação nestes espaços, encontrei brechas através de falas e compartilhamentos, processos de ação e reflexão, atitudes investigativas e questionadoras. (Angela)

Como dar conta, em menos de duas horas, de tantas informações? Muitos alunos não sabiam o que era intervenção, instalações, performances, linguagens estas muito específicas da esfera das artes visuais, e que prevaleciam na ocupação. (Julio)

Falar para um grande público e não saber ao certo quais os questionamentos mais pertinentes e quais falas seriam desnecessárias, punham-me a refletir se eu poderia assumir outros grupos. (Mauricio)

As licenciaturas dos cursos de artes visuais, por exemplo, formam profissionais para atuarem nos espaços formais, em espaços escolares deixando muitas vezes de lado a prática do ensino não formal, e quando me refiro a espaço não formal, situo museus e espaços de arte. (Angela)

Apesar da nossa falta de preparo, o fato de termos que nos unir para poder nos organizar e assumir esta complexa tarefa, nos proporcionou uma experiência de liberdade, pois individualmente e coletivamente agimos de acordo com o que acreditávamos, e mesmo não possuindo grandes certezas, sabíamos que nós éramos responsáveis por fazer tudo funcionar da melhor maneira possível. (Julio)

Nestas experiências ficou evidente a complexidade que envolve a formação de um Núcleo de Mediação, especialmente quando este é composto por alunos ainda em processo de formação em Artes Visuais. A tarefa de compatibilizar as experiências, as concepções de arte e mediação de cada um dos integrantes do grupo com a proposta de residência/ocupação do Evento, em um curto período de tempo, foi um grande desafio. A este desafio se somava o trabalho pragmático de conciliar cronogramas e horários das ações artísticas, das visitas das escolas, e do próprio grupo de alunos/mediadores.

Não foram poucas as dificuldades, porém este processo de construção de um “núcleo educativo” apontou para necessidade de revisão das concepções e valores das produções artísticas localmente veiculadas, assim como para a necessidade da investigação formativa no campo da mediação.

Felizmente o público em geral deu mostras de que viveu uma experiência singular, os relatos e a devolução que tivemos indicam que o público teve suas concepções de arte imensamente alteradas. Sem dúvida esta percepção deve-se em grande parte ao dedicado trabalho do “Núcleo educativo”. Um grupo de jovens estudantes de Artes Visuais que em um contexto bastante adverso reiterou que o trabalho de mediação é um contínuo exercício de reflexão entre a obra, o artista, o curador, a comunidade, o espaço, a crítica e o público. Estes estudantes mostraram ações extremamente criativas, de grande sensibilidade, sinalizando que a mediação em eventos desta natureza caracteriza-se como um amplo campo de investigação,

em permanente construção, caracterizado, sobretudo, pela capacidade de inovação e interação humanas.



Figura 4: Artistas trabalhando durante o Evento Arte Ocupa SM 2012



Figura 5: Performance da artista Bibiana durante o Evento Arte Ocupa SM 2012

REFERÊNCIAS

DARRAS, Bernard. **As várias concepções da cultura e seus efeitos sobre os processos de mediação cultural.** In: BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão. (Orgs). *Arte/Educação como mediação cultural e social* – São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

Andressa Argenta

Licenciada em Artes Visuais - Desenho e Plástica, UFSM (2011), Bacharel em Artes Visuais - Desenho e Plástica, UFSM (2012/2013). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte, Educação e Cultura (GEPaec) e do Grupo de Pesquisas em Arte: Momentos Específicos. Integrante do Coletivo de Ações Artísticas (Des)Esperar. Desenvolve pesquisas com ênfase na Gravura Contemporânea, intervenções urbanas e Ensino da Arte.

Helga Correa

Artista e Professora. Doutora em Arte pela Universidade de Barcelona, Espanha (2012); Mestre em Ensino da Arte, UFSM (2000); Graduada em Comunicação Visual, UFSM (1988). Professora dos cursos "Licenciatura e Bacharelado em Artes Visuais", "Especialização TIC aplicadas à Educação (NTE/UAB/UFSM)" e do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGART/CAL/UFSM). Líder do Grupo de Pesquisa Arte Impressa do CNPq.